

A História pela cidade



MARCELO PEREIRA

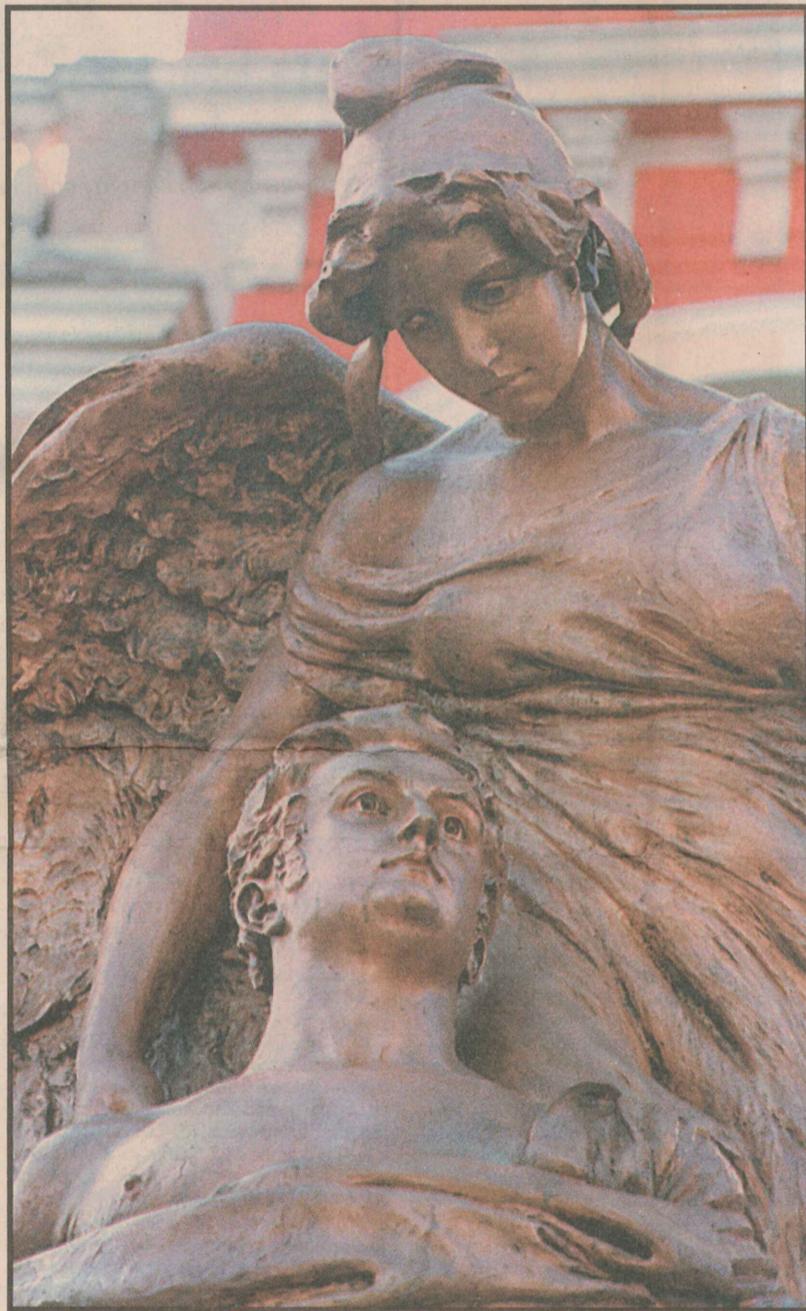
Quem foi criança na década de 60 e morou em Vitória, deve ter escutado a mãe ameaçar, depois de uma travessura: “Olhe que eu te entrego para a velha do saco”. A velha em questão era Dona Domingas, corcunda e cabisbaixa, que saía de Santo Antônio para catar papel no Centro da cidade. Hoje, sua estátua de bronze preenche a área lateral da escadaria do Palácio Anchieta.

Como ela, muitos personagens históricos viraram monumentos e preenchem a paisagem da capital. Porém, muitos nem sequer são notados por quem passa ou por quem descansa pelas praças. Com a catadora de papel é diferente. Talvez por ser uma figura do povo. Mesmo assim, a memória popular prega peças. O vendedor ambulante Euzy Porto trabalha próximo a Domingas há mais de oito anos. Parece uma colega de serviço. “Ouvi dizer que ela era funcionária do Estado. Foi demitida, ficou louca e virou mendiga”, acredita.

Quando se trata de personagem histórico, o desconhecimento é até maior. Um grupo de estudantes aproveitava a tarde para descansar nas praças da Cidade Alta. Bruno Barcellos, 17 anos, trabalha ali perto e se interessou pela estátua de um soldado. Não sabia o porquê dela estar ali. Janaína de Oliveira, 15, citou a lenda do índio da Gruta da Onça para entender o monumento colocado próximo à Beira-Mar. Seu amigo, Aislan de Moraes, 18, prometeu estudar a vida de Domingos Martins quando não identificou o herói capixaba esculpido em frente à Assembléia Legislativa. Já Josy Innocêncio, 16, foi taxativa: “Acho importante saber sobre a história do Estado mas os professores não dizem nada a respeito na escola”.

O prestígio do homenageado é o que conta nesta busca por informações. Na Praça Getúlio Vargas, o aposentado Zeehid Pinheiro Salim, 65, gosta de lembrar dos tempos do grande estadista. “Gosto da estátua mas, pelo que me lembro, o doutor Getúlio não era tão gordo”, compara. A pose característica do político (mão direita às cos-

Despercebidos pela população, monumentos e estátuas da cidade guardam alguns fatos curiosos e momentos históricos



Nestor Muller

tas) conta com a aprovação de Salim. A vendedora Marlete Fraga ajudou a filha, Lays, 10 anos, a ler a inscrição no monumento. Um trecho da famosa carta-testamento. “Ela viu aquele homem gordo e ficou curiosa. Quando chegarmos em casa, Lays vai conferir a vida dele num livro de História”, garantiu Marlete.

Pesquisa

Esse desconhecimento, que parece ser geral, levou o historiador e geógrafo Willis de Faria a organizar o seu *Catálogo dos Monumentos Históricos e Culturais da*

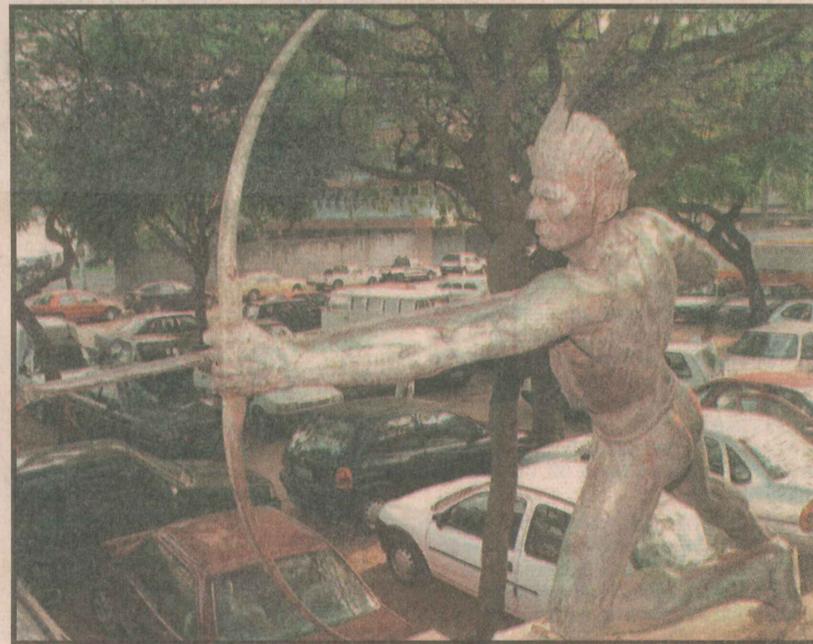
Capital, lançado em março de 1992. Segundo ele, foi difícil, na época, detalhar as 71 esculturas e monumentos. Havia poucos dados no setor público e ele teve que recorrer a pessoas mais idosas. Neste vasculhar do passado, acabou colecionando histórias curiosas que não entraram no livro.

Segundo ele, a estátua do índio na Avenida Beira-Mar foi a que mais “passeou”. Mudou três vezes de lugar. Inicialmente, apontava sua flecha para a Baía de Vitória mas na inauguração da avenida foi removida e guardada no depósito da prefeitura.



PERSONAGENS

Homenagens a políticos lideram. Getúlio Vargas está representado numa pose característica (mão direita às costas). O soldado lembra os pracinhas capixabas mortos na Segunda Guerra. Uma alegoria mostra a liberdade coroando Domingos Martins, que participou de movimentos revolucionários. Já o chefe Araribóia inspirou até marchinha de carnaval nas suas ‘andanças’ pela Ilha.



Nestor Muller

O povo reagiu de uma forma artística. No carnaval de 1963, a marchinha *Bota o Índio no Lugar* fez sucesso. Deu resultado e o guerreiro voltou. Porém, no final da década de 70, na administração do prefeito Crisógono da Cruz, ele saiu de cena e ficou por 16 anos no aterro da Condusa.

“Quando Crisógono perdeu as eleições municipais de 1986, seus adversários fizeram uma brincadeira com ele. Colocaram a estátua na frente de sua casa, na Praia do Canto, com a flecha apontada para sua janela”, fala, De Faria. A odisséia terminou em

1988, com a volta do índio para a frente do Penedo.

Hoje, algumas estátuas passam por problemas de vandalismo. O trabalhador da Praça Ubaldino Ramalho em Vitória, ficou sem o martelo. O próprio índio ficou defasado pois a corda do seu arco sumiu. “Quem não conhece não preserva”, sentencia. Só assim para explicar o que quase aconteceu ao busto do médico Affonso Schwab. Sua filha flagrou ladrões carregando a cabeça do estudioso e, com a ajuda dos vizinhos, conseguiu reavê-la, passando a tomar conta da homenagem do pai.